



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FERNANDA MONTEIRO DE CASTRO BHONA

**VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: ESTUDO
LONGITUDINAL E QUALITATIVO COM MULHERES EM JUIZ DE
FORA/MG**

Orientador: Prof. Dr. Lélío Moura Lourenço

Co-orientadora: Profa. Dra. Ana Regina Noto

JUIZ DE FORA

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FERNANDA MONTEIRO DE CASTRO BHONA

**VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: ESTUDO
LONGITUDINAL E QUALITATIVO COM MULHERES EM JUIZ DE
FORA/MG**

Tese em formato de artigos apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora na linha de Processos Psicossociais e Saúde como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

JUIZ DE FORA

2016

Ficha catalográfica elaborada através do sistema de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bhona, Fernanda Monteiro de Castro Bhona.

Violência entre parceiros íntimos: estudo longitudinal e qualitativo
com mulheres em Juiz de Fora/ MG / Fernanda Monteiro de Castro
Bhona. – 2016.

51 f.: il.

Orientador: Lélío Moura Lourenço

Coorientadora: Ana Regina Noto

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora,
Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, 2016.

1. violência entre parceiros íntimos. 2. violência na família. 3.
conflito conjugal. 4. violência doméstica. 5. Mulheres. I. Lourenço,
Lélío Moura Lourenço, orient. II. Noto, Ana Regina Noto, coorient. III.
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



**VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: ESTUDO
LONGITUDINAL E QUALITATIVO COM MULHERES EM JUIZ DE
FORA/MG.**

Tese de doutorado defendida e aprovada em 12 de dezembro de 2016 pela banca
constituída por:

Orientador: Prof. Dr. Lélío Moura Lourenço

Profa. Dra. Laisa Marcorela Andreoli Sartes

Profa. Dra. Maria Elisa Caputo Ferreira

Prof. Dr. Maycoln Leoni Martins Teodoro

Prof. Dr. João Eduardo Coin de Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido, Bernardo, pelo incentivo e apoio constantes, fundamentais durante todo esse percurso.

Agradeço ao meu orientador, prof. Lélío, pela confiança em mim depositada, e pela compreensão durante todo o trajeto.

Muito obrigada profa. Ana Noto, pela atenção e valiosas contribuições em todas as etapas do trabalho.

Ao prof. Marcel agradeço pelos ensinamentos, paciência e orientações que viabilizaram parte significativa da pesquisa.

Agradeço à banca pelas correções e sugestões.

Muito obrigada à amiga Carla, pela presença constante, pelo apoio e amizade na longa caminhada que envolveu a pesquisa.

Sou grata à equipe de pesquisadoras de campo. Sem o empenho de vocês, não teria sido possível!

Agradeço a todas as participantes da pesquisa por compartilharem suas histórias, e pelo tempo e atenção dispensados.

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação, obrigada pela participação de diferentes formas na idealização e concretização deste projeto.

A todos, muito obrigada!

APRESENTAÇÃO

As manifestações da violência entre parceiros íntimos são múltiplas e prevalentes em diversas culturas. Considerando a relevância social da temática, que recentemente tem sido considerada problema de saúde pública, destaca-se a importância de que sejam investigadas, além da ocorrência dos comportamentos violentos, as circunstâncias que envolvem tais condutas.

Este trabalho tratou de uma investigação longitudinal e qualitativa com mulheres envolvidas em episódios de violência física entre parceiros íntimos. É um desdobramento da pesquisa: “Padrões de violência doméstica e uso de álcool entre mulheres de uma amostra comunitária domiciliar” (Gebara, 2014). Ambos os trabalhos foram desenvolvidos através da parceria interinstitucional entre Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), inserida no Programa Nacional de Cooperação Acadêmica, (PROCAD).

O presente estudo está organizado em cinco capítulos, os quais sintetizam: a revisão de literatura e fundamentação teórica que orientou a investigação (capítulo 1); a metodologia da pesquisa (capítulo 2); os resultados do trabalho sob a forma de artigos científicos (capítulos 3 e 4), e as considerações finais do trabalho realizado (capítulo 5).

No capítulo 1 são apresentados aspectos considerados importantes para compreender as pesquisas na área, seguida da delimitação teórica do fenômeno. O capítulo é finalizado com algumas formulações teóricas que indicam possibilidades de se compreender o contexto relacional que envolve diferentes situações de violência entre parceiros íntimos.

O capítulo 2 apresenta o detalhamento metodológico da pesquisa desenvolvida. O capítulo 3 trata do artigo científico elaborado a partir dos resultados longitudinais e quantitativos obtidos. O capítulo 4 engloba o artigo científico que sintetiza alguns achados qualitativos da investigação empreendida. O último capítulo apresenta as considerações tecidas a título de conclusão, implicações do trabalho realizado e sugestão de estudos futuros na área.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	iii
APRESENTAÇÃO.....	iv
LISTA DE SIGLAS.....	6
LISTA DE FIGURAS.....	7
CAPÍTULO 1- REVISÃO TEÓRICA.....	8
1.1. Delimitação da violência entre parceiros e dos fatores associados.....	8
1.2. Compreendendo a violência entre parceiros íntimos.....	10
CAPÍTULO 2 – A PESQUISA.....	15
2.1. Caracterização da pesquisa.....	15
2.2. Violência entre parceiros íntimos: estudo longitudinal e qualitativo com mulheres em Juiz de Fora/MG.....	16
2.2.1. Objetivos.....	16
2.2.2. Método.....	17
2.2.3. Desenho.....	17
2.2.4. Definição da população e da amostra.....	18
2.2.5. Critérios de inclusão.....	20
2.2.6. Questões éticas.....	20
2.2.7. Instrumentos de coleta de dados e procedimentos.....	21
2.2.8. Análise dos dados.....	24
CAPÍTULO 3 – ARTIGO 1: VIOLÊNCIA FÍSICA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: ESTUDO LONGITUDINAL NUMA AMOSTRA DOMICILIAR EM DOIS BAIRROS DE JUIZ DE FORA/MG.....	25
3.1. Resumo.....	26
CAPÍTULO 4 – ARTIGO 2: VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: ACHADOS QUALITATIVOS DO ACOMPANHAMENTO DE UMA AMOSTRA DOMICILIAR DE MULHERES.....	27
4.1. Resumo.....	28
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS.....	36

LISTA DE SIGLAS

AUDIT - *Alcohol Use Disorders Identification Test* / Teste para Identificação de Problemas Relacionados ao Uso de Álcool

CES-D - *Center for Epidemiologic Studies Depression Scale*

COREQ - *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research*

CTS2 - *Revised Conflict Tactics Scales*/ Escala de Táticas de Conflito Revisadas

CTSPC - *Parent-Child Conflict Tactics Scales*/ Escala de Táticas de Conflito entre Pais-Crianças

PROCAD - Programa Nacional de Cooperação Acadêmica

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

WHO/OMS – *World Health Organization*/ Organização Mundial de Saúde

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 2

Figura 1 - Informações sobre a composição da amostra do estudo qualitativo

CAPÍTULO 1 – REVISÃO TEÓRICA

1.1. Delimitação da violência entre parceiros e dos fatores associados

“Violência entre parceiros íntimos se refere a qualquer comportamento inserido num relacionamento íntimo que cause prejuízos físicos, psicológicos ou sexuais para os envolvidos nessa relação” (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002, p.89). Os relacionamentos íntimos/afetivos considerados podem ser de namoro, casamento ou de coabitação. A violência pode ser praticada pelo atual ou por um ex-companheiro (Krug *et al.*, 2002). O fenômeno tem sido estudado não só em relacionamentos heterossexuais, mas também em relações afetivas estabelecidas entre pessoas do mesmo sexo (Morgan *et al.*, 2016).

Dada a relevância da temática, a violência entre parceiros tem sido alvo de estudos em diversas áreas do conhecimento. Assim, o tema tem abrangência transdisciplinar. Dentre as teorias na área da psicologia que se dedicam à explicação da violência/agressividade de forma geral, considera-se importante destacar a teoria social cognitiva de Albert Bandura. Segundo o autor, as ações humanas resultam de uma complexa interação entre fatores comportamentais, ambientais e cognitivos. Nessa perspectiva as pessoas são vistas como auto-organizadas, proativas, autoreguladas e autoreflexivas, realizando transações bidirecionais com a estrutura social (Bandura, 2008a).

Nesse processo de trocas bidirecionais com o ambiente, Bandura ressalta que as pessoas tendem a desenvolver um padrão de moralidade, desenvolvendo autosanções para atos que violem seus padrões pessoais, e construindo justificativas para essas condutas antissociais, processo que ele chamou de “desengajamento moral”. Este seria um desprendimento de padrões morais, que ocorreria através de 8 tipos de mecanismos: 1) atribuir uma justificativa moral para o comportamento; 2) compará-lo com um comportamento, diminuindo sua gravidade; 3) nomear essas condutas minimizando-as (rotulação eufemística). As consequências do comportamento antissocial podem ser: 4) minimizadas, 5) ignoradas ou 6) distorcidas. As pessoas que sofrem tais condutas, ou seja, as vítimas nos casos de violência podem ser: 7) desumanizadas ou 8) culpabilizadas pelas ações a elas direcionadas (Bandura, 2008b; Iglesias, 2008).

Bandura (2008a) descreveu um processo denominado modelação social, através do qual ele propõe que as pessoas, a partir da observação de modelos, padronizam os próprios pensamentos e comportamentos conforme exemplos considerados funcionais em outras pessoas. Em experimento desenvolvido por ele, constatou-se que crianças passam a adotar

repostas agressivas após serem expostas a esses comportamentos apresentados por pessoas com as quais elas não tinham vinculação familiar (Bandura, Ross & Ross, 1961).

Além dessas contribuições teóricas, observa-se que vários estudos sobre o tema da violência entre parceiros adotam a perspectiva bioecológica. Tal perspectiva tem sido bastante utilizada nas pesquisas sobre desenvolvimento humano, especialmente na Psicologia. Essa abordagem considera a violência como fenômeno complexo, no qual interagem fatores, em diversos níveis: individuais, interpessoais, contextuais (relações do sistema família com outros da comunidade) e das normas culturais que regem os grupos sociais (Ellsberg & Heise, 2005; Krug *et al.*, 2002).

Algumas características das vítimas ou dos perpetradores que frequentemente mostram-se associadas a situações de violência são considerados fatores de risco para esses eventos. Seguindo esse raciocínio, também há circunstâncias comumente observadas em casos nos quais a violência não ocorre, tratados na literatura como fatores de proteção. Essas noções de risco e proteção não implicam necessariamente causalidade. Assim, um fator de risco indica um aumento na probabilidade de que um determinado problema aconteça. Um fator de proteção, por sua vez, implica em influências capazes de minimizar os efeitos de circunstâncias desfavoráveis (Abramsky *et al.*, 2011; Garcia & Williams, 2010).

Em consonância com essa perspectiva, há o desenvolvimento de uma literatura que busca identificar fatores associados à violência entre parceiros de modo pautar o desenvolvimento de programas de prevenção para o problema. Pesquisa realizada em mais de 10 países identificou que melhores graus de escolaridade de ambos os parceiros, maiores níveis socioeconômicos e união formal são considerados fatores de proteção, ou seja, quando presentes, estariam menos associados ao problema. Menor idade das mulheres, histórico de violência na família e em outros contextos, filhos de outros relacionamentos das mulheres, relacionamentos extraconjugais dos homens e problemas relacionados ao consumo de álcool tendem a aumentar as chances de comportamentos violentos num casal (Abramsky *et al.*, 2011).

Características socioeconômicas como escolaridade, status socioeconômico, desemprego e baixa renda tem sido considerados como fatores de risco para a vitimização da mulher pelo parceiro (Capaldi, Knoble, Shortt & Kim, 2012; World Health Organization [WHO], 2010). O consumo de álcool também aparece como fator capaz de aumentar a probabilidade de vitimização e perpetração da violência (D'Oliveira *et al.* 2009; Stuart *et al.*,

2009). Entretanto, é necessária atenção na forma como esses fatores interagem em determinados contextos, favorecendo ou não o surgimento da violência (Garcia & Williams, 2010).

Assim, é possível supor que melhores níveis de renda e escolaridade possam representar acesso a mais recursos conferindo proteção a vítimas. Por outro lado, se há uma disparidade de renda e/ou escolaridade entre o casal que desafie os tradicionais papéis de gênero, tais características podem representar risco para a vitimização (Jewkes, 2002; WHO, 2010).

Da mesma maneira, alguns dos possíveis efeitos do consumo do álcool (tais como excitação e alteração da capacidade de julgamento) podem favorecer a adoção de comportamentos agressivos por quem o consumiu. Por outro lado, outros efeitos associados a esse consumo como: indução ao relaxamento, sono, amnésia, podem tornar uma pessoa mais suscetível de sofrer agressões (Bertolote, 2006; WHO, 2005).

A Organização Mundial de Saúde trata a questão da violência entre parceiros como um dos mais graves problemas de saúde pública. Dessa forma, estimula o desenvolvimento de uma agenda de pesquisa voltada para a compreensão do fenômeno em diversos contextos culturais, e o desenvolvimento de adequadas estratégias de intervenção (Ellsberg & Heise, 2005). Os impactos para a saúde física e mental das mulheres vítimas de violência pelos parceiros são bem documentados na literatura. Dentre os danos para as vítimas desses episódios, os sintomas depressivos são os mais explorados nos estudos sobre a temática (Dillon, Hussain, Loxton & Rahman, 2013).

1.2 . Compreendendo a violência entre parceiros íntimos

Uma caracterização da violência entre parceiros íntimos de considerável impacto na área foi desenvolvida por Michael Johnson, sociólogo, cujo trabalho ele classifica como situado em uma dentre as múltiplas perspectivas feministas existentes. Em linhas gerais pode-se dizer que essa perspectiva pauta-se na compreensão da violência entre parceiros a partir de aspectos culturais que legitimam a dominância masculina (Johnson, 2011) .

Johnson argumenta que há tipos qualitativamente diferentes de violência entre parceiros, os quais apresentariam significativas diferenças entre os gêneros. O que caracteriza cada um deles é o grau de controle e coerção praticado pelos parceiros. Assim, o que definiria o tipo de violência entre casais seria o contexto relacional, o controle exercido na díade, e não

a natureza, frequência e severidade dos atos de violência em si, seja agressão física, psicológica ou sexual. (Johnson, 2006)

O “Terrorismo Íntimo” seria o tipo mais frequentemente adotado por homens em relação a mulheres em relacionamentos heterossexuais, envolvendo danos mais severos à saúde das vítimas. Envolveria a violência física e/ou sexual, combinada com outras táticas de controle de comportamentos com: coerções e ameaças, abuso emocional e econômico, isolamento, uso dos filhos, constante monitoramento da vítima, invocação de privilégios masculinos, minimização e negação da violência usadas com a intenção de controlar o companheiro. Devido à natureza dos atos envolvidos, tais situações nem sempre são percebidas como violência (Johnson, 2006; 2009; 2011; Johnson & Ferraro, 2000; Johnson, Leone & Xu, 2014).

A “Violência Situacional de Casal” seria o tipo mais prevalente, e seria situacionalmente provocada por uma infinidade de fatores e tensões do cotidiano. A agressão seria um comportamento adotado nesse cenário, sem a intenção de obter um controle geral sobre o parceiro. Pode envolver situações crônicas ou episódios isolados, e seria praticada tanto por homens quanto por mulheres, de forma mais ou menos simétrica. Seria o tipo que abarca uma grande variabilidade na frequência e duração dos comportamentos agressivos no tempo, variabilidade que ainda não foi suficientemente explorada (Johnson, 2006; 2009; 2011; Johnson & Ferraro, 2000, Johnson *et al.*, 2014).

A “Resistência Violenta” seria uma forma encontrada pelas vítimas de “Terrorismo Íntimo”, as quais recorreriam à violência física como forma de reagir ou interromper o agressor. Pode envolver um ato extremo, culminando com a morte do parceiro controlador. Seria primariamente praticada por mulheres em relacionamentos heterossexuais (Johnson, 2006; 2009; 2011; Johnson & Ferraro, 2000; Johnson *et al.*, 2014).

Um instrumento para medir a violência entre parceiros íntimos que tem sido amplamente usado em pesquisas em diversos países é a escala desenvolvida pelo sociólogo Murray Straus. A versão mais atualizada é chamada de *Revised Conflict Tactics Scales - CTS2*. O instrumento parte da concepção teórica de que o conflito é inevitável na convivência humana, ao contrário da violência, que seria uma das possíveis estratégias utilizadas pelas pessoas na tentativa de resolver conflitos. Uma das características positivas da escala por ele desenvolvida é que a identificação dos comportamentos violentos é realizada sem a necessidade de interpretação de determinadas condutas como abusivas ou violentas. Há a

descrição de um comportamento, e o respondente deve dizer se ele ocorreu em seu relacionamento praticado por ele ou pelo parceiro. Sendo assim, investiga a violência numa perspectiva bidirecional (Straus, Hamby, Mc Coy & Sugarman, 1996).

Estudos que consideram a possibilidade da bidirecionalidade da violência entre parceiros têm indicado altas taxas de agressão, e dados apontando que os comportamentos de violência física praticados pelas mulheres tendem a ser numericamente equivalentes, ou até maiores que os praticados pelos homens (Gebara, 2014; Straus & Mickey, 2012; Zaleski, Pinsky, Laranjeira, Ramisetty-Mikler & Caetano, 2010). Nesse sentido, destaca-se o impacto da meta-análise de Archer (2002), trabalho que apontou resultados de diversos estudos nessa direção. Diante desse cenário, estabeleceu-se o debate acerca da existência de uma possível simetria entre os gêneros na violência entre parceiros.

Sobre esse debate, Johnson *et al.* (2014) e Straus (1999) chamaram a atenção para aspectos metodológicos na obtenção desses resultados, e para as diferentes amostras utilizadas nas pesquisas, as quais indicariam tendências diversas. Assim, segundo observaram, estudos populacionais tenderiam a apresentar predominantemente casos de “Violência Situacional de Casal”, que tenderia a ser simétrica entre os gêneros. Já pesquisas junto a abrigos, sistema judicial, serviços de saúde, e outros voltados a atendimento de vítimas, retratariam situações mais graves, onde estariam enquadrados os casos de “Terrorismo Íntimo” e de “Resistência Violenta”, casos onde haveria assimetria entre os gêneros.

Nesse sentido, considera-se importante destacar as recentes considerações identificadas na literatura sobre a violência entre parceiros. Especificamente, é importante chamar a atenção para a caracterização/delimitação da violência entre parceiros nas pesquisas, bem como para as noções de simetria, mutualidade e bidirecionalidade desses eventos.

Alguns autores mencionam a distinção existente entre um ato agressivo e abuso. O primeiro envolveria um ataque, agressão, e o abuso seria mais amplo, implicaria controle, poder e que as agressões levassem a medo substancial, injúria¹ e subjugação (Heyman, Feldbau-Kohn, Ehrensaft, Langhinrichsen-Rohling & O’Leary, 2001; Straus & Gozjolko, 2014). Assim, em estudo de revisão sobre o histórico de medidas de violência entre parceiros, Woodim, Sotskova & O’Leary (2013) ponderam que a identificação de padrões danosos de

¹ Na literatura sobre violência entre parceiros o termo injúria é usado no sentido de danos e consequências da violência para a saúde. Esse significado para a palavra também é dado em nossa língua, apesar de ser mais conhecido o significado relacionado à noção de insulto, ofensa.

violência entre parceiros não ocorreria somente através da aplicação de escalas como a CTS2. Para isso seriam necessárias informações pertinentes ao grau dos comportamentos violentos, do contexto em que tais condutas emergem e do impacto da violência de uma forma não estigmatizante. Assim, o autor recomenda a conjugação de ferramentas de avaliação, tais como escalas e entrevistas, para a identificação de vítimas e agressores em nível clínico.

Estudo de coorte conduzido na Nova Zelândia realizou a distinção entre a violência em nível clínico e não clínico. Foram comparados relacionamentos abusivos (envolvendo injúria e necessidade de intervenção oficial), com casos de relatos de violência física sem consequências clínicas, com indivíduos que não reportaram violência. Dentre os casos não clínicos, as mulheres foram predominantemente as agressoras. Em casos clínicos, a violência física foi predominantemente bidirecional, com maiores danos à saúde das mulheres (Ehrensaft, Moffitt & Caspi, 2004).

Diante das evidências e do debate estabelecido na área, destaca-se a importância de se conhecer e investigar a violência entre parceiros íntimos em diferentes amostras e contextos culturais (WHO, 2010; Woodin *et al.*, 2013). Nessa direção, Straus (2011) conduziu uma revisão de estudos sobre violência entre parceiros abarcando investigações em diferentes amostras. A pesquisa realizada apontou resultados no mesmo sentido dos encontrados por Ehrensaft *et al.* (2004).

Straus (2011) destacou a necessidade de se ter bem clara a distinção entre as noções de simetria, mutualidade, e nível clínico, aspectos discutidos nos estudos sobre violência entre parceiros. A simetria debatida refere-se ao nível populacional, esfera onde os estudos indicam tendência de equivalência e até mesmo de um maior número de comportamentos de violência física praticada por mulheres quando comparadas aos homens. Essa tendência não seria observada na perpetração de violência sexual, majoritariamente praticada pelos homens. Assim, a simetria discutida refere-se à perpetração da violência.

Já a noção de mutualidade refere-se ao nível relacional, à possibilidade da violência ser um recurso adotado pelos dois membros de um casal. Nesse sentido, ele destaca achados de pesquisa indicando que quando a violência é mútua ou bidirecional num relacionamento, observa-se consequências mais danosas para a saúde, as quais costumam ser mais severas entre as mulheres. Segundo o autor, nível clínico diz respeito ao grau de injúria, ou seja, de consequências para a saúde dos envolvidos (Straus, 2011).

Dessa forma Straus (2011) conclui que parece haver simetria na adoção da violência física entre homens e mulheres, mas o impacto desses atos para a saúde tende a ser assimétrico no casal. Assim, apesar de num momento inicial o autor acreditar que a origem da controvérsia acerca da violência física feminina poder ser explicada através da diversidade das amostras, recentemente ele propôs o deslocamento da questão para as diferenças entre taxas de perpetração e de danos para a saúde.

Ainda no que diz respeito às recentes contribuições teóricas de Straus (2011; Straus & Gozjolko, 2014), ele defende que as investigações na área façam uso de uma caracterização que ele denominou de tipos diádicos de agressão, de forma a especificar a direcionalidade dos comportamentos violentos. Assim, ele propõe que os estudos diferenciem quando a violência é recurso adotado somente pela mulher, somente pelo homem, e quando ambos praticam as agressões. Esta seria uma informação pouco abordada na literatura, e útil na compreensão de diferentes situações. No que diz respeito aos filhos que presenciam a violência interparental, ele aponta que para cada um desses tipos haveria diferentes impactos nos filhos.

Nesse cenário de propostas de desenvolvimentos teóricos, Emery (2011) apontou a necessidade de se identificar se o controle foi alcançado no relacionamento, o que se concretizaria na distribuição de poder na relação. Ele propõe uma tipologia com base na estrutura de poder criada nos relacionamentos. Segundo afirma, quando uma estrutura de poder no relacionamento é criada, a violência se torna sistemática e rotineira. O autor analisou a tipologia de Johnson e ponderou que ela não considera o passar do tempo e as relações entre os tipos de violência, as quais não costumam ser estáticas.

Considerando essa revisão teórica sobre o assunto, a partir de agora serão descritas as etapas percorridas para o desenvolvimento de um trabalho que conjugou métodos quantitativos e qualitativos. O trabalho é apresentado através da descrição de dois estudos, ambos visando a compreensão dos episódios de violência física entre parceiros. Vale lembrar que essa pesquisa consiste num desdobramento de um estudo anterior, realizado através da parceria institucional entre Universidade Federal de Juiz de Fora e a Universidade Federal de São Paulo.

CAPÍTULO 2 - A PESQUISA

2.1. Caracterização da pesquisa:

Nos anos de 2011 e 2012 foram coletados os dados da pesquisa “Padrões de violência doméstica e uso de álcool entre mulheres de uma amostra comunitária domiciliar” (Gebara, 2014; Gebara *et al.*, 2015). Consistiu num levantamento domiciliar por amostragem probabilística realizado em dois bairros, com diferentes perfis de renda, na cidade de Juiz de Fora/MG. Dentre outros resultados, a investigação descreveu as prevalências do consumo de álcool entre as mulheres participantes, bem como as prevalências de violência entre parceiros íntimos, e de violência contra os filhos, a partir dos relatos dessas mulheres.

O consumo de risco de álcool pelas mulheres foi identificado em 6,1% da amostra. As prevalências de violência praticada pela mulher contra o parceiro foram de: 13,7% de violência física; 51,9% de agressão psicológica; 4,4% de coerção sexual; e 4,5% de injúria. Considerando a mulher como vítima do companheiro, foram obtidas as seguintes taxas: 10,8% de violência física; 48,3% de agressão psicológica; 7,8% de coerção sexual; e 4,7% de injúria. Esses dados de prevalência referem-se aos 3 meses anteriores à coleta.

A violência entre parceiros se mostrou associada a características como: idade (com maior idade da mulher aumentando a probabilidade de injúria); escolaridade (com maiores níveis educacionais diminuindo a probabilidade de agressão aos filhos e ao parceiro); status socioeconômico (menor nível socioeconômico aumentando a probabilidade de a mulher agredir psicologicamente o companheiro e os filhos). Quanto aos sintomas de depressão nas mulheres, observou-se a associação desses quadros com a perpetração e a vitimização da mulher pelo parceiro. Além disso, esses sintomas também indicaram maior probabilidade da prática de maus tratos direcionados aos filhos.

Nos três meses anteriores à coleta, foram encontradas as seguintes prevalências de violência contra filhos: 70,5% de agressão psicológica; 51,4% de punição corporal; e 9,8% de maus tratos físicos. A violência entre parceiros mostrou-se associada à prática de violência contra os filhos.

2.2. Violência entre parceiros íntimos: estudo longitudinal e qualitativo com mulheres em Juiz de Fora/MG.

Com o intuito de melhor compreender esses achados, nos anos de 2015/2016 foi realizada uma nova coleta de dados. A partir desses resultados, e considerando as participantes desse estudo inicial foram traçados os seguintes objetivos, para dois novos estudos: o estudo 1, de caráter quantitativo/ longitudinal , e o estudo 2, qualitativo.

2.2.1. Objetivos:

Estudo 1- Objetivo geral: Mensurar a frequência dos comportamentos de violência física, e dos fatores associados a tais condutas, em amostra de mulheres de dois bairros de Juiz de Fora – MG, as quais já estiveram envolvidas em episódios de violência física entre parceiros.

Objetivos específicos:

- Observar os níveis de violência física entre parceiros na amostra estudada, comparando-os com os níveis identificados em estudo anterior (Gebara, 2014);
- Observar indicadores de saúde (níveis de sintomas depressivos e de consumo de álcool) das mulheres envolvidas em episódios de violência física entre parceiros, comparando-os com os níveis identificados inicialmente (Gebara, 2014);
- Identificar se mudanças nos níveis de violência física entre parceiros relacionam-se a mudanças nos níveis de violência física contra os filhos.

Estudo 2 - Objetivo geral: Analisar o contexto de emergência dos comportamentos de violência física entre parceiros íntimos, a partir dos relatos de mulheres adultas envolvidas nessas situações, numa amostra comunitária de dois bairros de Juiz de Fora/MG.

Objetivos específicos:

- Identificar as circunstâncias nas quais o comportamento de violência física é adotado nas relações de casal a partir da percepção das mulheres envolvidas nessas situações;
- Compreender os episódios de violência identificados a partir da presença do controle de comportamentos;
- Identificar as percepções acerca dos fatores responsáveis pelo término dos relacionamentos nos quais aconteceu a violência física.

2.2.2. Método

Diante dos objetivos estabelecidos e visando alcançar uma maior abrangência na compreensão do fenômeno da violência entre parceiros íntimos foi realizada a combinação de métodos quantitativos e qualitativos. A integração de diferentes abordagens e métodos numa mesma pesquisa é chamada de triangulação metodológica e permite “visualizar um problema a partir de diferentes ângulos” (Benavides & Gómez-Restrepo, 2005, p.120).

Segundo Minayo e Sanches (1993) os métodos qualitativos e quantitativos, diferentes em sua natureza, são complementares na compreensão da realidade social. Enquanto a abordagem quantitativa evidencia “dados, indicadores e tendências observáveis”, a abordagem qualitativa permite aprofundar a “complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares de grupos” (p.247).

Neste trabalho a abordagem quantitativa foi adotada na coleta das informações sobre a ocorrência e frequência de determinadas condutas, através de questionários/instrumentos padronizados. A etapa qualitativa da pesquisa visou a caracterização do contexto relacional nos quais aconteceram os comportamentos de violência entre parceiros íntimos, através de entrevistas semiestruturadas.

2.2.3. Desenho

O estudo 1 teve caráter quantitativo, longitudinal. O que caracteriza as pesquisas longitudinais são as múltiplas medições, em cada participante, através do tempo, com diversas finalidades, dentre elas a de observar efeitos de alguns fatores (Marczyk, DeMatteo & Festinger, 2005) ou mudanças comportamentais (Leary, 2001).

Esse estudo teve como alvo uma população de 144 mulheres envolvidas em episódios de violência física entre parceiros. Elas foram identificadas no estudo “Padrões de violência doméstica e uso de álcool entre mulheres de uma amostra comunitária domiciliar” (Gebara, 2014; Gebara *et al.*, 2015), cujos dados foram coletados entre os meses de Abril de 2011 e Agosto de 2012. Consistiu de um levantamento domiciliar por amostragem probabilística.

As participantes desse levantamento responderam questões sobre sua caracterização sociodemográfica, consumo de álcool, depressão e comportamentos de violência contra filhos e entre parceiros no estudo inicial (2011/2012), e também numa segunda coleta de dados, realizada entre os meses de Abril de 2015 e Maio de 2016. As duas medições desses eventos permitiram identificar se houve alterações em variáveis que, conforme a literatura (Abramsky,

et al., 2011; Moraes *et al.*, 2011), podem ser consideradas fatores de risco/proteção para a violência entre parceiros íntimos.

A fim de complementar essas informações, algumas respondentes do estudo 1 foram convidadas a participar do estudo 2, realizado através de entrevistas individuais semiestruturadas. Esse estudo, de caráter qualitativo, teve como objetivo identificar as situações nas quais o casal adotou comportamentos de violência física, a partir das narrativas das mulheres envolvidas nessas situações.

A pertinência da abordagem qualitativa no estudo 2 decorre do interesse em compreender, nessa etapa, o processo e a realidade dinâmica (Serapioni,2000) do casal envolvido em situações de violência. Nesse caso a questão de estudo é voltada para um fenômeno específico e delimitável pela sua complexidade interna, qual seja, a violência entre parceiros íntimos.

2.2.4. Definição da população e da amostra

As participantes do estudo inicial, “Padrões de violência doméstica e uso de álcool entre mulheres de uma amostra comunitária domiciliar” (Gebara, 2014), que relataram envolvimento em episódios de violência física com os parceiros se constituíram na população dos estudos 1 e 2 . Foram 144 mulheres, as quais residiam em dois bairros do município de Juiz de Fora/MG.

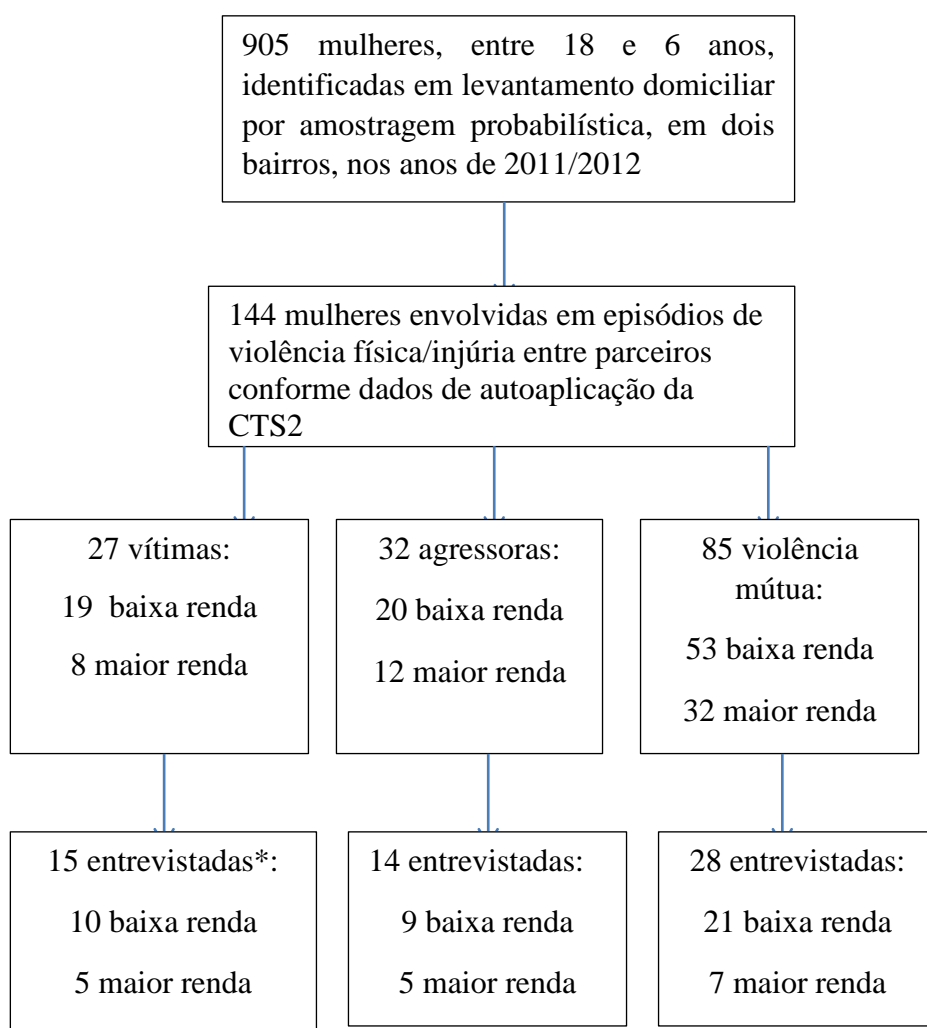
A seleção desses bairros se deu por amostragem aleatória simples, entre os bairros que se encontraram entre o 20º e o 30º e entre o 70º e o 80º percentis de rendimento médio mensal por pessoa segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado em 2000. A utilização desse critério permitiu investigar dois tipos de população: uma de baixa renda e outra com rendimento maior, sem incluir situações de extrema pobreza ou riqueza. O fator renda pode estar relacionado aos fenômenos pesquisados (Oliveira *et al.*,2009; Abramsky *et al.*, 2011), por isso foi considerado na definição da população investigada.

No estudo 1, longitudinal, foram realizadas tentativas de novamente coletar os dados com as 144 mulheres inicialmente identificadas. Dessa população, 31 mulheres haviam se mudado na ocasião da segunda coleta de dados, 7 não foram encontradas em seus domicílios, 6 se recusaram a participar novamente da pesquisa, e 2 faleceram. Assim, obteve-se uma amostra no estudo 1 de 98 mulheres.

Para o estudo 2, qualitativo, foram obtidas 57 entrevistas. Buscou-se entrevistar as mulheres que, conforme dados da primeira coleta, haviam sido vítimas, agressoras e envolvidas em violência mútua com o parceiro, de forma a obter representatividade desses grupos nos dois bairros. Também buscou-se representar proporcionalmente na composição da amostra as características da população inicial quanto ao consumo de álcool dessas mulheres e de seus companheiros. Assim, procedeu-se a uma seleção intencional das participantes que teve por base o interesse em cada grupo de casos, considerados críticos devido ao conhecimento prévio das características acima mencionadas (Martínez-Salgado, 2012). As etapas do procedimento de composição da amostra para o estudo qualitativo estão descritas na figura 1.

Figura 1

Informações sobre a composição da amostra do estudo qualitativo



* Entrevistas realizadas nos anos de 2015/2016

2.2.5. Critérios de inclusão

Os critérios de inclusão do estudo inicial foram: ter entre 18 e 60 anos de idade; ser alfabetizada; não apresentar comprometimento cognitivo evidente. Além dessas características, as participantes dessa segunda coleta relataram pelo menos um comportamento de violência física, praticado e/ou sofrido, na sua relação com parceiro íntimo.

2.2.6. Questões éticas

Este projeto foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG (CAAE: 17920413.0.0000.5147/parecer nº 481.956). Todas as participantes receberam informações sobre a pesquisa e a adesão, voluntária, aconteceu a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por cada uma delas. O TCLE continha informações sobre o tipo de pesquisa, seus objetivos, procedimentos e uso das informações obtidas, garantindo o anonimato das participantes.

Considerando-se a complexidade da temática, alguns aspectos éticos foram de fundamental importância para viabilizar a investigação. A coleta de dados aconteceu no domicílio das participantes e foi realizada por uma equipe composta por 6 estudantes da graduação em Psicologia, 1 mestranda e 1 doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, e 1 pesquisadora doutora em Psicologia. Essa equipe recebeu treinamento específico voltado para a abordagem de mulheres envolvidas em situação de violência doméstica, conforme as recomendações da Organização Mundial de Saúde (Ellsberg & Heise, 2005).

Todas as pesquisadoras eram do sexo feminino, e abordaram as participantes em duplas, convidando-as a participarem de uma pesquisa sobre relações familiares e saúde da mulher. Enquanto uma pesquisadora aplicava os instrumentos padronizados e posteriormente realizava a entrevista com a mulher, a outra aguardava a realização desses procedimentos, em outro local, mas no domicílio onde estavam sendo coletados os dados. Essa segunda pesquisadora geralmente conversava com os familiares da participante, de modo a evitar interrupções no momento da coleta, e também auxiliar na promoção de um ambiente com privacidade para a pesquisa.

Nesse sentido, cabe destacar que durante a elaboração do projeto de pesquisa foi idealizado um local, diverso do domicílio da participante, para a realização da entrevista. Assim, obteve-se uma sala, cedida por uma igreja, localizada no primeiro bairro onde foram

coletados os dados. Contudo, quando as participantes foram convidadas a participar da entrevista, todas preferiram realizar esse procedimento em seus domicílios. Dessa forma, esse local não chegou a ser utilizado. Da mesma maneira, no segundo bairro, as mulheres também preferiram responder à entrevista em suas moradias. Salienta-se que as entrevistas foram realizadas em local que oferecesse isolamento acústico e visual para a realização desse procedimento.

Ao final da coleta todas as participantes receberam um folheto informativo elaborado especialmente para a pesquisa, o qual apresentava os serviços locais de atenção à saúde, da área psicossocial e jurídica. Nesse material havia informações sobre serviços voltados para o consumo de álcool, e também para o atendimento de vítimas de violência doméstica.

2.2.7. Instrumentos de coleta de dados e procedimentos

Como as mulheres alvo deste estudo já participaram de pesquisa anterior, a abordagem das pesquisadoras de campo consistiu na explicação de que algumas mulheres foram sorteadas para participar de um estudo de seguimento ou longitudinal. Após obter a concordância da mulher em participar, os instrumentos de coleta de dados descritos a seguir foram aplicados.

O estudo 1, longitudinal, envolveu a reaplicação dos instrumentos adotados na pesquisa inicial nessa ordem: questionário sociodemográfico; *Alcohol Use Disorders Identification Test* – AUDIT; *Center for Epidemiologic Studies Depression Scale* - CES-D; *Revised Conflict Tactic Scales* - CTS2; *Parent-Child Conflict Tactics Scales* – CTSPC. Os instrumentos foram aplicados sob a forma de entrevista, com exceção da CTS2 e da CTSPC, que foram preenchidas diretamente pela respondente, dada a complexidade das questões abordadas.

O questionário sociodemográfico foi composto por itens que investigaram: grupo étnico, idade, escolaridade, religião, ocupação, caracterização socioeconômica, estado civil, tempo de relacionamento, ocupação do companheiro e consumo de álcool do mesmo, quantidade e idade dos filhos. Salienta-se que esse questionário foi idealizado segundo os objetivos do estudo inicial, e para que futuras comparações longitudinais pudessem ser realizadas com essas informações, optou-se por reaplicar todas essas questões. Contudo, neste trabalho só foram analisadas as perguntas iniciais de caracterização sociodemográfica.

O AUDIT (*Alcohol Use Disorders Identification Test*) é um instrumento de rastreamento desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde para ajudar profissionais de saúde a identificar os padrões de consumo de álcool das pessoas. Através de 10 questões que abordam frequência de uso, quantidade de doses, sintomas de dependência e consequências nocivas do consumo, obtém-se um escore que irá refletir o nível de risco que o respondente tem com o uso do álcool (Babor, Higgins-Biddle, Saunders & Monteiro, 2006).

A CESD-D (*Center for Epidemiologic Studies – Depression*) é um instrumento de rastreio da depressão composto por 20 itens. Eles medem os sintomas atuais, tais como humor deprimido, sentimentos de culpa e desvalia, desamparo e desesperança, retardo psicomotor, perda de apetite e distúrbios do sono (Silveira & Jorge, 1998).

A CTS2 (*Revised Conflict Tactics Scales*) foi concebida para avaliar a violência entre casais, fornecendo dados sobre o respondente e também sobre seu par. É composta de 78 itens, sendo que cada item é apresentado em pares de duas perguntas. A primeira pergunta de cada par se refere a um possível comportamento do respondente, e a segunda se refere à mesma ação, só que praticada pelo companheiro. Esse instrumento é composto de cinco sub-escalas as quais abordam a ocorrência de comportamentos de negociação, agressão psicológica, violência física, consequências da violência sobre a saúde (injúria) do respondente e de seu companheiro e coerção sexual entre o casal (Moraes, Hasselmann & Reichenheim, 2002). Segundo os objetivos do estudo 1 e 2, só foram analisadas as respostas às sub-escalas de violência física e injúria.

A CTSPC (*Parent-Child Conflict Tactics Scales*) foi elaborada a partir de um refinamento do instrumento anterior visando abordar a relação pais/filhos. São apresentadas questões onde o respondente deve informar a ocorrência de alguns comportamentos por ele adotados junto aos filhos. Composto por 22 itens, o instrumento é dividido em três escalas: disciplina não violenta, agressão psicológica, e violência física, sendo esta última subdividida em: punição corporal, maus-tratos físicos, maus-tratos físicos graves (Reichenheim & Moraes, 2003). Segundo os objetivos estabelecidos, neste trabalho só foram analisadas as respostas relativas à punição corporal, maus-tratos físicos e maus-tratos físicos graves.

As duas escalas de violência já foram avaliadas em amostras brasileiras no que tange à equivalência conceitual, semântica e propriedades psicométricas (Moraes *et al.*, 2002; Reichenheim & Moraes, 2003; Reichenheim & Moraes, 2006; Reichenheim, Klein & Moraes, 2007). Em ambas a maioria das estimativas de confiabilidade intra-observador

(kappa) apresentou pontuação acima de 0.75, e a consistência interna variou de 0.49-0.68 na CTSPC, e de 0.65-0.86 na CTS2 (Moraes *et al.*, 2002; Reichenheim & Moraes, 2006).

Após a aplicação dos instrumentos acima listados, algumas mulheres foram convidadas a participar de uma entrevista. Elas foram selecionadas segundo os critérios descritos para a composição da amostra do estudo 2. A pesquisadora explicava que se tratava de uma entrevista, que seria gravada em áudio, e que abordaria questões sobre o relacionamento da mulher com o parceiro.

Assim, foi utilizado um roteiro para a condução das entrevistas semiestruturadas do estudo 2. O roteiro continha instruções para condução desse procedimento, e as perguntas a serem realizadas. Estas obedeceram uma sequência de forma a iniciar com questões mais simples e posteriormente abordar questionamentos mais complexos (Britten, 1995; Silva, Dessen & Dessen, 2011). O referido roteiro abrangeu 37 perguntas, organizadas em tópicos. Essa disposição foi utilizada exclusivamente para facilitar a condução das entrevistas, as quais, no modelo semiestruturado, não requerem rigidez na ordem das questões, nem na sua enunciação (Silva *et al.*, 2011; Tong, Sainsbury & Craig, 2007).

Para iniciar a entrevista foi desenvolvida uma declaração de abertura, realizada pela pesquisadora, de modo a esclarecer a entrevistada do procedimento e seus objetivos. Também visou assegurar o sigilo das informações que ela viesse a revelar, não utilizando o nome da entrevistada. Dessa maneira, buscou atender os critérios para qualidade na pesquisa qualitativa conforme o *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research – COREQ* (Tong *et al.*, 2007).

Na elaboração do roteiro buscou-se inicialmente compreender a noção de violência da entrevistada tendo em vista que pode haver variações individuais nessa noção (Straus, 1999). A partir dos objetivos do estudo qualitativo foram elaboradas perguntas capazes de fornecer informações sobre episódios de violência praticados por ambos os parceiros, as circunstâncias/motivações que os envolveram, as reações de cada um. Perguntas específicas sobre controle de comportamentos foram inseridas uma vez que, segundo Johnson (2006; 2009; 2011), esse tipo de conduta é fundamental para se compreender o fenômeno. Esses questionamentos abrangeram os relacionamentos atuais das entrevistadas, bem como relacionamentos anteriores. Também foram inseridas perguntas sobre o consumo de álcool dos envolvidos. A existência de violência entre outros membros da família, e a procura por serviços foi abordada através algumas questões, as quais visaram atender aos objetivos de

projetos de pesquisa específicos, desenvolvidos como desdobramentos deste trabalho. Assim, essas informações não foram analisadas na presente investigação.

Depois da realização de cada entrevista, e após o contato com a entrevistada, cada pesquisadora preencheu um formulário denominado “notas de campo”. Esse procedimento teve como objetivo registrar informações capazes de detalhar o contexto em que ocorreu a entrevista, dados não verbais, e outras informações relevantes (Tong *et al.*, 2007).

2.2.8. Análise dos dados

Os dados quantitativos do estudo 1 foram analisados no software estatístico STATA, versão 11, a partir da aplicação de testes estatísticos paramétricos de significância para comparação de médias com amostras pareadas. A relação entre as variáveis estudadas foi testada através de regressões bivariadas. O modelo de análise de dados longitudinais adotado foi o modelo de dois estágios (Lynn,2009).

As entrevistas do estudo 2 foram gravadas e transcritas na íntegra. As transcrições foram analisadas através da técnica de análise de conteúdo categorial e temática, segundo proposto por Bardin (2011).

A análise de conteúdo pode ser definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2011, p.48). O método envolve as etapas de pré-análise (com leitura flutuante, identificação de hipóteses e indicadores); codificação (transformação dos dados através do recorte, agregação e enumeração das informações); categorização (classificação dos elementos codificados) e inferência (a partir das variáveis identificadas) (Bardin, 2011).

A partir de agora cada um dos estudos e seus respectivos resultados serão apresentados separadamente, na modalidade de artigos científicos. O capítulo 3 aborda os achados quantitativos do estudo 1, e o capítulo 4 apresenta a investigação qualitativa do estudo 2.

CAPÍTULO 3 - ARTIGO 1:
**VIOLÊNCIA FÍSICA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: ESTUDO LONGITUDINAL
NUMA AMOSTRA DOMICILIAR EM DOIS BAIRROS DE JUIZ DE FORA/MG.**

Fernanda Monteiro de Castro Bhona
Doutoranda em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora.
Rua São Mateus, 187, ap.1202, São Mateus, Juiz de Fora/MG – CEP 36025-000. Tel.: (32)
991972479. fbhona@gmail.com

Carla Ferreira de Paula Gebara
Professora Adjunta da Universidade Católica de Petrópolis.

Ana Regina Noto
Professora Adjunta da Universidade Federal de São Paulo.

Marcel de Toledo Vieira
Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Lélio Moura Lourenço
Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Parte da pesquisa contou com apoio financeiro da FAPESP (10/51094-7 e 10/518370), e do CNPQ (400675/2010-2).

Resumo

A recorrência do comportamento violento é aspecto importante para a adequada caracterização da violência entre parceiros íntimos, especialmente na identificação de dos maiores impactos para a saúde. Foi realizada investigação longitudinal, num intervalo de 5 anos, com amostra domiciliar de mulheres envolvidas em violência física com o parceiro. Buscou-se mensurar a frequência desses comportamentos, comparando-os com os níveis de violência identificados em estudo anterior, e também comparar os indicadores de saúde das participantes nas duas coletas. Os níveis de violência foram obtidos através das escalas: *Revised Conflict Tactics Scales*, e *Parent-Child Conflict Tactics Scales*. Noventa e oito mulheres participaram das duas coletas de dados. Elas tinham em média 45 anos, e seus parceiros, cerca de 3 anos de idade a mais. A duração média dos relacionamentos foi de 21 anos, com predomínio das uniões formais (69,4% eram casadas). A maioria branca (61,4%) e exercendo atividade profissional (64%). Aproximadamente 54% delas residiam no bairro de menor poder aquisitivo. Nos 3 meses que antecederam as coletas de dados, o número médio de comportamentos agressivos adotados pelas mulheres contra seus parceiros foi de 5,5 na primeira coleta, e de 1,1 na segunda coleta. Já os escores médios de violência sofrida pelas participantes foi de 3,5 na primeira coleta e 1,4 na segunda coleta. Foi constatada diminuição estatisticamente significativa ($p < 0,05$) nesses escores de violência física praticada e sofrida pela mulher, mas não nos escores de violência contra filhos. Escores relacionados à saúde da mulher (consumo de álcool, sintomas depressivos, escores de injúria) não apresentaram alterações estatisticamente significativas nas duas medições. As prevalências de sintomas de depressão na amostra foram 41,5%, e de 8,5% de consumo de álcool de risco na segunda coleta. Regressões bivariadas indicaram relação entre violência praticada pela mulher contra o parceiro e contra os filhos, indicando que as participantes que se tornam mais agressivas com os companheiros, tendem a também serem mais agressivas com os filhos.

Palavras-chave: violência entre parceiros íntimos, estudos longitudinais, mulheres

CAPÍTULO 4 – ARTIGO 2:
**VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: ACHADOS QUALITATIVOS DO
ACOMPANHAMENTO DE UMA AMOSTRA DOMICILIAR DE MULHERES**

Fernanda Monteiro de Castro Bhona
Doutoranda em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora.
Rua São Mateus, 187, ap.1202, São Mateus, Juiz de Fora/MG – CEP 36025-000. Tel.: (32)
991972479. fbhona@gmail.com

Carla Ferreira de Paula Gebara
Professora Adjunta da Universidade Católica de Petrópolis.

Ana Regina Noto
Professora Adjunta da Universidade Federal de São Paulo.

Lélio Moura Lourenço
Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Resumo

Buscou-se analisar o contexto de emergência dos comportamentos de violência física entre parceiros íntimos, a partir dos relatos de mulheres envolvidas nessas situações, numa amostra comunitária. Participaram de entrevista semiestruturada 57 mulheres selecionadas intencionalmente, provenientes de amostra identificada em levantamento domiciliar. Elas tinham em média 45,2 anos, eram em sua maioria (29) brancas, com tempo de escolaridade médio de 9,5 anos. Trinta e duas mulheres trabalhavam, e 41 eram casadas formalmente. Cerca de 68% delas tinha até 2 filhos. Os dados foram tratados através da análise de conteúdo. Na amostra investigada, houve considerável divergência entre os dados sobre violência física obtidos através do autopreenchimento de uma escala (*Revised Conflict Tactic Scales* - CTS2) e das informações trazidas nas entrevistas. Das 57 mulheres que assinalaram comportamentos de violência física na primeira coleta, apenas 27 reconheceram essas condutas na segunda coleta. Os relatos indicaram a percepção de que as características pessoais do agressor (n=17), o consumo de álcool masculino (n=15), e aspectos relativos ao relacionamento afetivo (n=12) seriam os principais disparadores das agressões entre o casal. Com menor frequência também foram citadas questões relacionadas a crenças religiosas (n=4) e ao aspecto financeiro (n=2) como gatilhos dos comportamentos de violência. Em parte significativa dos episódios de violência física narrados (n=15) os filhos estavam presentes. A grande maioria das entrevistadas afirmou que no momento em que os dados foram coletados os episódios de violência não mais aconteciam (ou foram episódios isolados, ou deixaram de acontecer no passado). O impacto negativo da violência na saúde dos envolvidos foi narrado com maior frequência e intensidade entre as mulheres envolvidas em violência mútua. Espontaneamente, 11 entrevistadas declararam que a violência psicológica pode ser tão ou mais danosa que a violência física. O controle de comportamentos mostrou-se predominantemente associado à prática da violência física pelo homem, e estava presente em todos os relacionamentos que foram desfeitos no período analisado.

Palavras-chave: violência entre parceiros íntimos, violência doméstica, mulheres

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido revelou aspectos da violência entre parceiros íntimos que merecem atenção e contribuem para o avanço do conhecimento na área. O fato de ter sido observada a diminuição na frequência dos episódios de violência física na amostra pesquisada, e de tal diminuição não se mostrar associada à melhora dos indicadores de danos para a saúde dos envolvidos é um dos achados que aponta para a complexidade do fenômeno. Além disso, a relação observada entre violência praticada pela mulher contra o parceiro e contra os filhos também indica a magnitude do problema, que ultrapassa as relações de casal.

Outro achado que merece destaque é a não convergência entre as medidas quantitativas e qualitativas adotadas. Nesse sentido, vale destacar a dificuldade de se estudar e abordar o tema da violência. Também é possível supor que parcela significativa das participantes não reconheçam algumas situações vivenciadas como capazes de causar danos a ela e ao parceiro. Nesse cenário, comportamentos menos evidentemente percebidos como violentos mostraram-se relevantes na compreensão de algumas situações analisadas.

Considera-se igualmente relevante a bidirecionalidade da violência entre o casal, e nas relações familiares. Na presente investigação, as motivações percebidas para tais condutas apontam para uma variedade de disparadores, comuns no cotidiano de famílias. Tais características permitem supor que o recurso à violência pode ser percebido como algo natural e até certo ponto necessário diante de conflitos, e nas relações estabelecidas. Dessa forma, intervenções necessitam de focos ampliados, ações de conscientização e com o objetivo de prevenção do problema são fundamentais.

No que diz respeito à bidirecionalidade, vale destacar que tal noção não corresponde à ideia de equivalência, e os achados qualitativos apontam nessa direção. Assim, não é possível dizer que a violência praticada pela mulher seja equivalente à violência praticada pelo homem. Os danos e impactos à saúde, e o próprio contexto social e cultural conferem contornos e consequências específicos aos atos agressivos praticados por homens e por mulheres, tornando-os qualitativamente diferentes.

Apesar das considerações tecidas a partir dos achados mencionados, vale ressaltar que são informações pertinentes a um determinado contexto. Além disso, foram coletadas a partir de procedimentos que pela própria natureza conferem contornos específicos e limitações a essas informações. Assim, é importante lembrar que foram obtidos relatos de mulheres

abordadas em suas residências, que não necessariamente apresentavam demanda para tratar do assunto investigado. A temática abordada é de difícil revelação pela amplitude de aspectos envolvidos: emocionais, familiares, sociais, culturais. A relação que foi estabelecida entre participantes e pesquisadoras se deu num cenário no qual pessoas desconhecidas, geralmente mais jovens e do mesmo sexo, solicitavam informações sobre assuntos delicados e sensíveis da vida das mulheres. Apesar dessas características contextuais, houve relatos no sentido de que o trabalho desenvolvido era importante, necessário, que devia ocorrer com maior frequência, e que proporcionou uma experiência satisfatória para elas. O encontro com essas mulheres emocionou, e certamente impactou a ambos: entrevistadoras e entrevistadas.

No campo teórico, o caminho percorrido permitiu o acesso a reflexões importantes, certamente úteis para a intervenção junto a problema tão inquietante que é a violência entre parceiros. Algumas direções para o trabalho foram visualizadas, mais questões surgiram a partir do que foi encontrado. Pesquisas que considerem aspectos como frequência e severidade dos comportamentos de violência são necessárias para se que se possa discernir os níveis do fenômeno, que parece apresentar uma variedade de nuances. Além disso, parece ser necessário um avanço no sentido de operacionalizar o controle de comportamentos nos relacionamentos, bem como de melhor caracterizá-lo em termos teóricos. Informações sobre como essas condutas se desenvolvem nas relações com o decorrer do tempo também pode trazer luz no sentido de melhor compreendê-las.

REFERÊNCIAS

- Abramsky, T., Watts, C.H., Garcia-Moreno, C., Devries, K., Kiss, L., Ellsberg, M., Jansen, H.A.F.M., & Heise, L. (2011). What factors are associated with recent intimate partner violence? Findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *Public Health*, 11:109. doi:10.1186/1471-2458-11-109
- Archer, J. (2002). Sex differences in physically aggressive acts between heterosexual partners: a meta-analytic review. *Aggression and Violent Behavior*, 7, 313–351. doi:10.1016/S1359-1789(01)00061-1
- Babor, T.F., Higgins-Biddle, J.C., Saunders, J.B. & Monteiro, M.G. (2006). AUDIT Teste para identificação de problemas relacionados ao uso de álcool: roteiro para uso em atenção primária. Ribeirão Preto: PAI-PAD, FMRP-USP.
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S.A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 575-582.
- Bandura, A. (2008a). A evolução da teoria social cognitiva. In: Bandura, A., Azzi, R.G. & Polydoro, S. (Orgs.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp.15-41) Porto Alegre: Artmed.
- Bandura, A. (2008b). O sistema do self no determinismo recíproco. In: Bandura, A., Azzi, R.G. & Polydoro, S. (Orgs.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp.43-67). Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Benavides, M.O., & Gómez-Restrepo, C. (2005). Métodos en investigación cualitativa: triangulación. *Revista Colombiana de Psiquiatria*, 34 (1), 118-124.
- Bertolote, J.M. (2006). *Glossário de Álcool e Drogas*. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas.
- Britten, N. (1995). Qualitative interviews in medical research. *BMJ*, 311, 251-253.
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W., & Kim, H. K. (2012). A Systematic Review of Risk Factors for Intimate Partner Violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231-280. doi: <http://dx.doi.org/10.1891/1946-6560.3.2.e4>
- Costa, A.E.B. (2008). Modelação. In: Bandura, A., Azzi, R.G., & Polydoro, S. (Orgs.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp.123-148). Porto Alegre: Artmed.
- Dillon, G., Hussain, R., Loxton, D. & Rahman, S. (2013). Mental and physical health and intimate partner violence against women: a review of the literature. *International Journal of Family Medicine*, 15, 1-13. <http://dx.doi.org/10.1155/2013/313909>
- D'Oliveira, A.F.P.L., Schraiber, L.B., França-Júnior, I., Ludermir, A.B., Portella, A.P., Diniz, C.S., Couto, M.T., & Valença, O. (2009). Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. *Revista Saúde Pública*, 43(2), 299-310. doi:10.1590/S0034-89102009005000013

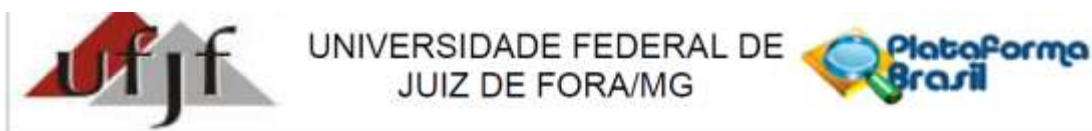
- Ellsberg, M., & Heise, L. (2005) *Researching Violence Against Women: A Practical Guide for Researchers and Activists*. Washington DC, United States: World Health Organization, PATH. Recuperado em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/42966/1/9241546476_eng.pdf
- Emery, C.R. (2011). Disorder or deviant order? Re-theorizing domestic violence in terms of order, power and legitimacy: a typology. *Aggression and Violent Behavior* (16), 525-540. doi:10.1016/j.avb.2011.07.001.
- Ehrensaft, M.K., Moffitt, T.E., & Caspi, A. (2004). Clinically abusive relationships in an unselected birth cohort: men's and women's participation and developmental. *Journal of Abnormal Psychology*, 113(2), 258-271. doi: 10.1037/0021-843X.113.2.258
- Garcia, S.C., & Williams, L.C.A. (2010). Resiliência: um constructo promissor. In: Williams, L. C. A., Maia, J.M.D., & Rios, K.S.A. (Orgs.) *Aspectos psicológicos da violência: pesquisa e intervenção cognitivo-comportamental* (pp.309-324). Santo André: ESEtec Editores Associados.
- García-Moreno, C., Jansen, H.A.F.M., Ellsberg, M., Heise, L., & Watts, C. (2006). Prevalence of intimate partner violence: findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *Lancet*, 368, 1260-1269. Recuperado em <http://www.thelancet.com>
- Garcia-Moreno, C., & Watts, C. (2011). Violence against women: an urgent public health priority. *Bulletin World Health Organization*, 89 (2). Recuperado em: <http://www.who.int/bulletin/volumes/89/1/10.085217>.
- Gebara, C. F. P. (2014). Padrões de violência doméstica e uso de álcool entre mulheres de uma amostra comunitária domiciliar. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Programa de Pós-graduação em Psicobiologia. 156p.
- Gebara, C.F.P., Ferri, C.P., Lourenco, L.M., Vieira, M.T., Bona, F.M.C., & Noto, A.R. (2015) Patterns of domestic violence and alcohol consumption among women and the effectiveness of a brief intervention in a household setting: a protocol study. *BMC Women's Health*. 15(1). doi: <http://dx.doi.org/10.1186/s12905-015-0236-8>
- Heyman, R.E., Feldbau-Kohn, S.R., Ehrensaft, M.K., Langhinrichsen-Rohling, J. & O'Leary, K.D. (2001). Can questionnaire reports correctly classify relationship distress and partner physical abuse? *Journal of Family Psychology*. 15(2), 334-346.
- Iglesias, F. (2008). Desengajamento moral. In: Bandura, A., Azzi, R.G. & Polydoro, S. (Orgs.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos* (pp.165-176). Porto Alegre: Artmed.
- Jewkes, R. (2002). Intimate partner violence: causes and prevention. *Lancet*, 359(9315), 1423-1429. doi: 10.1016/S0140-6736(02)08357-5
- Johnson, M. P. (2006). Conflict and control: gender symmetry and asymmetry in domestic violence. *Violence Against Women*, 12 (11), 1003-1018. doi: 10.1177/1077801206293328

- Johnson, M. P. (2009). Differentiating among types of domestic violence: implications for healthy marriages. In: H.E. Peters & C.M. K. Dusch (Ed.). *Marriage and family: perspectives and complexities* (pp. 282-297). New York: Columbia University Press.
- Johnson, M. P. (2011). Gender and types of intimate partner violence: A response to an anti-feminist literature review. *Aggression and Violent Behavior*, 16, 289–296. doi:10.1016/j.avb.2011.04.006
- Johnson, M.P., & Ferraro, K.J. (2000). Research on domestic violence in the 1990s: making distinctions. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 948–963.
- Johnson, M. P., Leone, J. M., & Xu, Y. (2014). Intimate terrorism and situational couple violence in general surveys: ex-spouses required. *Violence Against Women*, 20(2), 186-207. doi:10.1177/1077801214521324
- Krug, E.G., Dahlberg, L.L., Mercy, J.A., Zwi, A.B., & Lozano, R. (Ed.) (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization. doi: 10.1016/S0140-6736(02)11133-0
- La Flair, L.N., Bradshaw, C.P., & Campbell, J.C. (2012). Intimate partner violence/abuse and depressive symptoms among female health care workers: longitudinal findings. *Women's Health Issues*, 22(1), 53-59.
- Lamoglia, C.V.A., & Minayo, M.C.S. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro, *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 595-604. Recuperado em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63013532028>
- Leary, M.R., (2001). Quasi-experimental designs. In: *Research in the Behavioral Sciences*. (pp.282-305). 3a Edição. Boston: Allyn & Bacon.
- Lynn, P. (Ed.) (2009). *Methodology of Longitudinal Surveys*. John Wiley & Sons.
- Marczyk, G., DeMatteo, D., & Festinger, D. (2005). General types of research designs and approaches. In: *Essentials of research design and methodology* (pp.123-157). New Jersey: John Wiley & Sons Inc.
- Martínez-Salgado, C. (2012). El muestreo en investigación cualitativa: principios básicos y algunas controversias. *Ciência e Saúde Coletiva*. 17 (3), 613-619.
- Minayo, M.C.S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9 (3), 239-262.
- Moraes, C.L., Hasselmann, M.H., & Reichenheim, M.E. (2002). Adaptação transcultural do instrumento “Revised Conflict Tactic Scales (CTS2)”, utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-176. doi: S0102-311X2002000100017 [pii]
- Moraes, C.L., Silva, T.S.T., Reichenheim, M.E., Azevedo, G.L., Oliveira, A.S.D., & Braga, J.U. (2011). Physical violence between intimate partners during pregnancy and postpartum: a prediction model for use in primary health care facilities. *Paediatric and Perinatal Epidemiology*, 25, 478-486.
- Morgan, K. Buller, A.M., Evans, M., Trevillion, K., Williamson, E., Malpass, A. (2016). The role of gender, sexuality, context upon help seeking for intimate partner violence: a

- synthesis of data across five studies. *Aggression and Violent Behavior*. <http://dx.doi/10.1016/j.avb.2016.09.001>.
- Oliveira, J.B., Lima, M.C.P., Simão, M.O., Cavariani, M.B., Tucci, A.M. & Kerr-Corrêa, F. (2009). Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. *Rev Panam Salud Publica*, 26 (6), 494–501.
- Reichenheim, M.E., Klein, R., & Moraes, C.L. (2007). Assessing the physical violence component of the Revised Conflict Tactic Scales when used in heterosexual couples: an item response theory analysis. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(1), 53-62. doi: S0102-311X2007000100007 [pii]
- Reichenheim, M.E., & Moraes, C.L. (2003). Adaptação transcultural do instrumento Parent-Child Conflict Tactic Scales (CTSPC) utilizado para identificar a violência contra a criança. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(6), 1701-1712.
- Reichenheim, M.E., & Moraes, C.L. (2006). Psychometric properties of the Portuguese version of the Conflict Tactic Scales: Parent-Child Version (CTSPC) used to identify child abuse. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(3), 503-515.
- Reichenheim, M.E., Moraes, C.L., Szklo, A., Hasselmann, M.H., Souza, E.R., Lozana, J.A., & Figueiredo, V. (2006). The magnitude of intimate partner violence in Brazil: portraits from 15 capital cities and the Federal District. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(2), 425-437.
- Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), 187-192.
- Silva, S.C., Dessen, M.C., & Dessen, M.A. (2011). Utilizando entrevistas e questionários na pesquisa com família. In: Weber, L., & Dessen, M.A. (Orgs.). *Pesquisando a família: instrumentos para a coleta e análise de dados* (pp.31-44). Curitiba: Juruá Editora.
- Silveira, D.X., & Jorge, M.R. (1998). Propriedades psicométricas da escala de rastreamento populacional para depressão CES-D em populações clínica e não-clínica de adolescentes e adultos jovens. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(5), 251-261.
- Smith, P.H., Homish, G.G., Leonard, K.E., & Cornelius, J.R. (2012). Intimate partner violence and specific substance use disorders: findings from the national epidemiologic survey on alcohol and related conditions. *Psychology of Addictive Behaviors*, 26 (2), 236–245.
- Straus, M. A. (1999). The controversy of domestic violence by women: a methodological, theoretical, and sociology of science analysis. In: Arriaga, X.B & Oskamp, S. *Violence in intimate relationships* (pp.17-44). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Straus, M.A. (2011). Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: empirical evidence and implications for prevention and treatment. *Aggression and Violent Behavior*, 16, 279–288
- Straus, M.A. & Gozjolko, K. L. (2014). “Intimate terrorism” and gender differences in injury of dating partners by male and female university students. *Journal of Family Violence*, 29, 51-65. doi:10.1007/s10.896-013-9560-7
- Strauss, M.A., Hamby, S.L., McCoy, S.B. & Sugarman, D.B. (1996). The revised conflict tactic scales (CTS2). *Journal of Family Issues*, 7 (3), 283-316.

- Straus, M. A., & Mickey, E. L. (2012). Reliability, validity, and prevalence of partner violence measured by the conflict tactics scales in male-dominant nations. *Aggression and Violent Behavior, 17*(5), 463-474.
- Stuart, G.L., O'Farrell, T.J., Leonard, K., Moore, T.M., Temple, J.R., Ramsey, S.E., Stout, R.L., Kahler, C.W., Bucossi, M.M., Andersen, S.M., Recupero, P.R., Walsh, Z., Schonbrun, C.Y., Strong, D.R., Rothman, E.F., Rhatigan, D.L. & Monti, P.M. (2009). Examining the interface between substance misuse and intimate partner violence. *Substance Abuse: Research and Treatment, 3*, 25–29.
- Testa, M., Hoffman, J.H., & Leonard, K.E. (2011). Female intimate partner violence perpetration: stability and predictors of mutual and nonmutual aggression across the first year of college. *Aggressive Behavior, 37*, 362–373.
- Tong, S., Sainsbury, P. & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care, 19* (6), 349–357.
- Woodin, E.M., Sotskova, A. & O'Leary (2013). Intimate partner violence assessment in an historical context: divergent approaches and opportunities for progress. *Sex Roles, 69*, 120–130. doi: 10.1007/s11199-013-0294-z
- World Health Organization. (setembro de 2005). *Gênero, saúde e uso de álcool*. Geneva, Switzerland: Department of Gender, Women and Health (GWH), Department of Mental Health and Substance Abuse (MSD).
- World Health Organization. (2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: Taking action and generating evidence*. Recuperado em http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/activities/intimate/en/
- Zaleski, M., Pinsky, I., Laranjeira, R., Ramisetty-Mikler, S., & Caetano, R. (2010). Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. *Revista Saúde Pública, 44* (1), 53-59. doi: S0034-89102010000100006 [pii]

ANEXOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência entre parceiros íntimos: estudo longitudinal e qualitativo com mulheres em Juiz de Fora/MG

Pesquisador: Fernanda Monteiro de Castro Bhone

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 17920413.0.0000.5147

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 481.956

Data da Relatoria: 05/12/2013

Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto esta clara e detalhada de forma objetiva. Descreve as bases científicas que justificam o estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Apresenta clareza e compatibilidade com a proposta de estudo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Identificação dos riscos e as possibilidades de desconfortos e benefícios esperados, estão adequadamente descritos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto está em configuração adequada e há apresentação de declaração de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa, assinada pelo responsável da instituição onde será realizada a pesquisa. Apresentou de forma adequada o termo de Consentimento Livre e

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N	CEP: 36.036-900
Bairro: SAO PEDRO	
UF: MG	Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788	Fax: (32)1102-3788
	E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA/MG



Continuação do Parecer: 481.958

Esclarecido. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: Julho de 2016.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

JUIZ DE FORA, 06 de Dezembro de 2013

Assinador por:
Paulo Cortes Gago
(Coordenador)

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@uff.edu.br

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1) Idade: _____ anos

2) Grupo Étnico: (1) Caucasóide (4) Asiáticos
(2) Negros (5) Índios
(3) Mulatos

3) Religião: (1) Não tem (5) Judaica
(2) Católica (6) Evangélica/Protestante
(3) Espírita (7) Orientais/Budismo
(4) Afrobrasileira (8) Outras:

4) Escolaridade: (1) Analfabeta/Até 3a. série Fundamental
(2) Até 7ª série Fundamental
(3) Fundamental Completo
(4) Ensino Médio Incompleto
(5) Ensino Médio Completo
(6) Superior Incompleto
(7) Superior Completo
(8) Pós graduado

5) Anos de escolaridade: _____ anos
(anos escolares, sem contar os incompletos ou repetências)

6) Possui renda própria? (1) Não (2) Sim

7) Quais suas ocupações atuais? (1) Trabalha: _____
(resposta múltipla) (2) Do lar/dona de casa
(3) Estudante
(4) Desempregada
(5) Aposentada

8) Tem registro? (1) Não (2) Sim (3) Não se aplica

9) Quantas horas por dia você costuma passar fora de casa?
(por causa de estudo, trabalho, lazer, outros...)
_____ horas

10) Você é chefe da família? (pessoa que predominantemente sustenta a família)
(1) Não (2) Sim

11) Qual a escolaridade do chefe da família?
(1) Analfabeto/Até 3ª série Fundamental
(2) Até 7ª série Fundamental
(3) Fundamental Completo
(4) Médio Completo
(5) Superior Completo

12) Na sua casa tem:

(não vale quebrado, automóvel: não vale moto, empregado(a): que trabalhe todos os dias, máquina: não vale tanquinho, freezer: duplex ou independente)

	Quantidade de itens				
	0	1	2	3	4 ou +
1) Televisão em cores					
2) Videocassete					
3) Aparelho de DVD					
4) Rádio					
5) Banheiro					
6) Automóvel					
7) Empregado(a)					
8) Máquina de lavar					
9) Geladeira					
10) Freezer					

13) Estado Civil: (1) Casada (formalmente)
(2) União Estável (mora junto)
(3) Solteira
(4) Viúva
(5) Divorciada/Desquitada
(6) União Estável Homoafetiva

14) Há quanto tempo você e seu companheiro moram juntos?

(1) Não se aplica
(2) Há _____ anos e _____ meses

15) Idade do companheiro:

(1) Não se aplica (2) _____ anos

16) Quantos anos de escolaridade ele tem?

(1) Não se aplica (2) _____ anos

17) Ele possui ocupação?

(1) Não se aplica (2) Trabalha (3) Desempregado
(4) Aposentado (5) Afastado por Licença Médica

18) Quantas horas por dia ele costuma passar fora de casa?

(por causa de estudo, trabalho, lazer, outros...)
(1) Não se aplica (2) _____ horas

19) Número de filhos:

(1) Não se aplica (2) _____ filhos

20) Quantos moram com você?

(1) Não se aplica (2) _____ filhos

21)	Nº	Sexo	Idade
	1º filho	() M () F	
	2º filho	() M () F	
	3º filho	() M () F	
	4º filho	() M () F	
	5º filho	() M () F	
	6º filho	() M () F	

AUDIT – Teste para Identificação de Problemas Relacionados ao Uso de Álcool

Leia as perguntas abaixo e anote as respostas com cuidado. Inicie a entrevista dizendo:

“Agora vou fazer algumas perguntas sobre seu consumo de álcool ao longo dos últimos 3 meses.”

Explique o que você quer dizer com “consumo de álcool”, usando exemplos locais de cerveja, vinho, destilados, etc. Marque as respostas relativas a quantidade em termos de “dose-padrão”. Marque a pontuação de cada resposta e some ao final.

<p>1. Com que frequência a Sra. toma bebidas de álcool?</p> <p>(0) Nunca <i>[vá para as questões 9-10]</i> (1) Uma vez por mês ou menos (2) 2 a 4 vezes por mês (3) 2 a 3 vezes por semana (4) 4 ou mais vezes por semana (5)</p>	<p>6. Com que frequência, durante os últimos três meses, depois de ter bebido muito, a Sra. precisou beber pela manhã para se sentir melhor?</p> <p>(0) Nunca (1) Menos que uma vez ao mês (2) Uma vez ao mês (3) Uma vez por semana (4) Todos os dias ou quase todos os dias</p>
<p>2. Nas ocasiões em que bebe, quantas doses, copos ou garrafas a Sra. costuma tomar?</p> <p>(0) Uma ou duas doses (1) 3 ou 4 doses (2) 5 ou 6 doses (3) 7 a 9 doses (4) 10 ou mais doses</p>	<p>7. Com que frequência, durante os últimos três meses, a Sra. sentiu culpa ou remorso depois de beber?</p> <p>(0) Nunca (1) Menos que uma vez ao mês (2) Uma vez ao mês (3) Uma vez por semana (4) Todos os dias ou quase todos os dias</p>
<p>3. Com que frequência a Sra. toma “seis ou mais doses” em uma ocasião?</p> <p>(0) Nunca (1) Menos que uma vez ao mês (2) Uma vez ao mês (3) Uma vez por semana (4) Todos os dias ou quase todos os dias. (5) <i>Se a soma das questões 2 e 3 for 0, avance para as questões 9 e 10</i></p>	<p>8. Com que frequência, durante os últimos três meses, a Sra. não conseguiu se lembrar do que aconteceu na noite anterior por causa da bebida?</p> <p>(0) Nunca (1) Menos que uma vez ao mês (2) Uma vez ao mês (3) Uma vez por semana (4) Todos os dias ou quase todos os dias</p>
<p>4. Com que frequência, durante os últimos três meses, a Sra. achou que não seria capaz de controlar a quantidade de bebida depois de começar?</p> <p>(0) Nunca (1) Menos que uma vez ao mês (2) Uma vez ao mês (3) Uma vez por semana (4) Todos os dias ou quase todos os dias</p>	<p>9. Alguma vez na vida a Sra. ou alguma outra pessoa já se machucou, se prejudicou, por causa de a Sra. ter bebido?</p> <p>(0) Não (2) Sim, mas não nos últimos 3 meses (4) Sim, durante os últimos 3 meses</p>
<p>5. Com que frequência, durante os últimos três meses, a Sra. não conseguiu cumprir com algum compromisso por causa da bebida?</p> <p>(0) Nunca (1) Menos que uma vez ao mês (2) Uma vez ao mês (3) Uma vez por semana (4) Todos os dias ou quase todos os dias</p>	<p>10. Alguma vez na vida algum parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com a Sra. por causa de bebida ou lhe disse para parar de beber?</p> <p>(0) Não (2) Sim, mas não nos últimos 3 meses (4) Sim, durante os últimos 3 meses</p>



CES-D

Instruções: Segue abaixo uma lista de tipos de sentimentos e comportamentos. Solicitamos que você diga a frequência com que tenha se sentido dessa maneira DURANTE A SEMANA PASSADA

DURANTE A ÚLTIMA SEMANA :	Raramente (menos que 1 dia)	Durante pouco tempo (1 ou 2 dias)	Durante um tempo moderado (de 3 a 4 dias)	Durante a maior parte do tempo (de 5 a 7 dias)
01. Você se sentiu incomodado com coisas que habitualmente não te incomodam.	1	2	3	4
02. Você não teve vontade de comer, teve pouco apetite.	1	2	3	4
03. Você sentiu não conseguir melhorar seu estado de ânimo mesmo com a ajuda de familiares e amigos.	1	2	3	4
04. Sentiu-se, comparando-se às outras pessoas, tendo tanto valor quanto a maioria delas.	1	2	3	4
05. Você sentiu dificuldade em se concentrar no que estava fazendo.	1	2	3	4
06. Sentiu-se deprimido.	1	2	3	4
07. Você sentiu que teve de fazer esforço para dar conta das suas tarefas habituais.	1	2	3	4
08. Você se sentiu otimista com relação ao futuro.	1	2	3	4
09. Você considerou que a sua vida tinha sido um fracasso.	1	2	3	4
10. Você se sentiu amedrontado.	1	2	3	4
11. Seu sono não foi repousante.	1	2	3	4
12. Você esteve feliz.	1	2	3	4
13. Você falou menos que o habitual.	1	2	3	4
14. Você se sentiu sozinho.	1	2	3	4
15. As pessoas não foram amistosas com você.	1	2	3	4
16. Você aproveitou sua vida.	1	2	3	4
17. Você teve crises de choro.	1	2	3	4
18. Você se sentiu triste.	1	2	3	4
19. Você sentiu que as pessoas não gostavam de você.	1	2	3	4
20. Você não conseguiu levar adiante suas coisas.	1	2	3	4

Revised Conflict Tactics Scales - CTS2

Mesmo que um casal se relacione bem, tem vezes em que um discorda do outro, se chateia, quer coisas diferentes ou discutem e se agredem apenas porque estão de mau humor, cansados ou por outra razão. Os casais também têm maneiras diferentes de tentar resolver seus problemas.

Esta é uma lista de coisas que podem acontecer quando existem diferenças ou desavenças entre um casal. Solicitamos que você marque se você e seu companheiro fizeram cada uma dessas coisas durante os **últimos três meses**.

QUANTAS VEZES DURANTE OS ÚLTIMOS TRÊS MESES:	1	2	3-5	6-10	11-20	Mais que vinte	Já ocorreu antes	Nunca
1a Você mostrou que se importava com ele mesmo que vocês estivessem discordando?	1	2	3	4	5	6	7	8
1b Seu companheiro (mostrou que se importava com você mesmo que vocês estivessem discordando?	1	2	3	4	5	6	7	8
2a Você explicou para seu companheiro o que você não concordava com ele?	1	2	3	4	5	6	7	8
2b Seu companheiro explicou para você o que ele não concordava com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
3a Você insultou ou xingou o seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
3b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
4a Você jogou alguma coisa no seu companheiro que poderia machucá-lo?	1	2	3	4	5	6	7	8
4b. Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
5a Você torceu o braço do seu companheiro(a) ou puxou o cabelo dele?	1	2	3	4	5	6	7	8
5b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
6a Você teve uma torção, contusão, "mancha roxa" ou pequeno corte por causa de uma briga com seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
6b Seu companheiro teve uma torção, contusão, "mancha roxa" ou pequeno corte por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
7a Você mostrou que respeitava os pontos de vista e os sentimentos dele?	1	2	3	4	5	6	7	8
7b Seu companheiro mostrou que respeitava os seus pontos de vista e os seus sentimentos?	1	2	3	4	5	6	7	8
8a Você obrigou o seu companheiro a fazer sexo sem usar camisinha?	1	2	3	4	5	6	7	8
8b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
9a Você deu um empurrão no seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
9b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
10a Você usou de força como, por exemplo, segurar ou bater nele ou usar uma arma, para obrigar o seu companheiro a fazer sexo oral ou anal com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
10b Seu companheiro fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
11a Você usou uma faca ou arma contra o seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
11b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
12a Você desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com o seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
12b Seu companheiro desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	8

QUANTAS VEZES DURANTE OS ÚLTIMOS TRÊS MESES:	1	2	3-5	6-10	11-20	Mais que vinte	Já ocorreu antes	Nunca
13a Você chamou o seu companheiro de gordo/a, feio/a ou alguma coisa parecida?	1	2	3	4	5	6	7	8
13b Seu companheiro chamou você de gorda/o, feia/o ou alguma coisa parecida?	1	2	3	4	5	6	7	8
14a Você deu um murro ou acertou o seu companheiro com alguma coisa que pudesse machucar?	1	2	3	4	5	6	7	8
14b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
15a Você destruiu alguma coisa que pertencia ao seu companheiro de propósito?	1	2	3	4	5	6	7	8
15b Seu companheiro fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
16a Você foi a um médico ou serviço de saúde por causa de uma briga com seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
16b Seu companheiro foi ao médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
17a Você sufocou ou estrangulou seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
17b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
18a Você gritou ou berrou com o seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
18b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
19a Você jogou o seu companheiro contra a parede com força?	1	2	3	4	5	6	7	8
19b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
20a Você disse para ele que achava que vocês poderiam resolver o problema?	1	2	3	4	5	6	7	8
20b Seu companheiro disse que achava que vocês poderiam resolver o problema?	1	2	3	4	5	6	7	8
21a Você deveria ter ido a um médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com seu companheiro, mas não foi?	1	2	3	4	5	6	7	8
21b Seu companheiro deveria ter ido a um médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com você, mas não foi?	1	2	3	4	5	6	7	8
22a Você deu uma surra no seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
22b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
23a Você segurou o seu companheiro com força?	1	2	3	4	5	6	7	8
23b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
24a Você usou de força como, por exemplo, segurar ou bater nele ou usar uma arma para obrigar o seu companheiro a fazer sexo com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
24b Seu companheiro fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
25a Você virou as costas e foi embora no meio de uma discussão?	1	2	3	4	5	6	7	8
25b Seu companheiro fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
26a Você insistiu em fazer sexo quando o seu companheiro não queria sem usar força física?	1	2	3	4	5	6	7	8

26b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
QUANTAS VEZES DURANTE OS ÚLTIMOS TRÊS MESES:	1	2	3-5	6-10	11-20	Mais que vinte	Já ocorreu antes	Nunca
27a Você deu um tabefe ou bofetada no seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
27b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
28a Você quebrou um osso por causa de uma briga com o seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
28b Seu companheiro quebrou um osso por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
29a Você fez ameaças para obrigar o seu companheiro fazer sexo oral ou anal com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
29b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
30a Você sugeriu que procurassem juntos uma solução para resolver as diferenças ou desavenças?	1	2	3	4	5	6	7	8
30b Seu companheiro fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
31a Você queimou ou derramou líquido quente em seu companheiro de propósito?	1	2	3	4	5	6	7	8
31b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
32a Você insistiu para que seu companheiro fizesse sexo oral ou anal com você sem usar força física?	1	2	3	4	5	6	7	8
32b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
33a Você acusou o seu companheiro de ser "ruim de cama"?	1	2	3	4	5	6	7	8
33b Seu companheiro a acusou disso?	1	2	3	4	5	6	7	8
34a Você fez alguma coisa para ofender o seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
34b Seu companheiro fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
35a Você ameaçou acertar ou jogar alguma coisa no seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
35b Seu companheiro fez isso?	1	2	3	4	5	6	7	8
36a Você sentiu dores no corpo que duraram até o dia seguinte por causa de uma briga com o seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
36b Seu companheiro sentiu dores no corpo que duraram até o dia seguinte por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
37a Você chutou o seu companheiro?	1	2	3	4	5	6	7	8
37b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
38a Você fez ameaças para obrigar o seu companheiro fazer sexo com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
38b Seu companheiro fez isso com você?	1	2	3	4	5	6	7	8
39. Você concordou com a solução que foi sugerida por ele?	1	2	3	4	5	6	7	8
39b Seu companheiro concordou em tentar uma solução que você sugeriu?	1	2	3	4	5	6	7	8

Parent-Child Conflict Tactics Scales - CTSPC

Crianças muitas vezes fazem coisas que são erradas, desobedecem, ou fazem os pais ficarem zangados. Gostaríamos de saber o que você costuma fazer quando seu filho faz alguma coisa errada, ou faz você ficar irritada ou zangada. Analise as situações abaixo e marque as questões referentes aos últimos três meses, em que essas coisas aconteceram.

QUANTAS VEZES DURANTE NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES:	1	2	3-5	6-10	11-20	Mais que vinte	Já ocorreu antes	Nunca
A. Você explicou a (xxx – nome da criança) por que o que ele/a estava fazendo estava errado?	1	2	3	4	5	6	7	8
B. Você o/a colocou de castigo do tipo: mandou-o ficar em seu quarto ou em qualquer outro lugar?	1	2	3	4	5	6	7	8
C. Você sacudiu (xxx – nome da criança)?	1	2	3	4	5	6	7	8
D. Você bateu no bumbum dele/a com alguma coisa como um cinto, chinelo, escova de cabelo, vara ou outro objeto duro?	1	2	3	4	5	6	7	8
E. Você deu a ele/a outra coisa para fazer em vez daquilo que ele/a estava fazendo de errado?	1	2	3	4	5	6	7	8
F. Você falou alto, berrou ou gritou com (xxx – nome da criança)?	1	2	3	4	5	6	7	8
G. Você bateu com a mão fechada ou deu um chute com força nele/a?	1	2	3	4	5	6	7	8
H. Você deu uma palmada no bumbum de (xxx – nome da criança)?	1	2	3	4	5	6	7	8
I. Você o agarrou pelo pescoço e o sacudiu?	1	2	3	4	5	6	7	8
J. Você xingou ou praguejou, quer dizer, rogou praga, contra ele/a?	1	2	3	4	5	6	7	8
K. Você bateu muito em (xxx – nome da criança), ou seja, bateu nele/a sem parar, o máximo que V/S conseguiu?	1	2	3	4	5	6	7	8
L. Você disse alguma vez que iria expulsá-lo/a de casa ou enxotá-lo/a para fora de casa?	1	2	3	4	5	6	7	8
M. Você queimou (xxx – nome da criança) ou derramou líquido quente nele de propósito?	1	2	3	4	5	6	7	8
N. Você ameaçou dar um tapa nele/a, mas não deu?	1	2	3	4	5	6	7	8
O. Você bateu em alguma parte do corpo dele diferente do bumbum com alguma coisa como um cinto, chinelo, escova de cabelo, vara ou outro objeto duro?	1	2	3	4	5	6	7	8
P. Você deu um tapa na mão, no braço ou na perna de (xxx – nome da criança)?	1	2	3	4	5	6	7	8
Q. Você tirou as regalias dele/a ou deixou-o/a sem sair de casa?	1	2	3	4	5	6	7	8
R. Você deu um beliscão em (xxx – nome da criança)?	1	2	3	4	5	6	7	8
S. Você o/a ameaçou com uma faca ou arma?	1	2	3	4	5	6	7	8
T. Você jogou (xxx – nome da criança) no chão?	1	2	3	4	5	6	7	8
U. Você o/a chamou de estúpido/a, burro/a, preguiçoso/a ou de outra coisa parecida?	1	2	3	4	5	6	7	8
V. Você deu um tapa/bofetada no rosto, na cabeça ou nas orelhas de (xxx nome da criança)?	1	2	3	4	5	6	7	8

Roteiro de Entrevista

Para que eu não perca nenhuma informação, vou precisar gravar nossa conversa (apenas a voz). A senhora não será identificada na gravação. Vamos começar?

Se houver questionamento explicar: a gravação ficará arquivada, com um número, não falaremos seu nome ou qualquer outro dado capaz de identificar a senhora.

Gravar:

ID: XXX. Entrevista realizada no dia: XXX, às XXXX horas, pesquisadora XXX

Agora eu gostaria de lhe fazer perguntas sobre situações que podem ocorrer no seu relacionamento com seu companheiro.

Não há respostas certas nem erradas. Meu interesse é entender o que você pensa sobre o assunto.

Qualquer pergunta que eu fizer e a senhora não entender, por favor me diga.

A - Situação atual de moradia/relacionamento:

() 1- Com quem você reside atualmente? (Especificar todas as pessoas que residem no domicílio, sem registrar nomes, apenas grau de parentesco e idades)

() 2- Se não reside mais com o companheiro, por que motivo? Conte.

B – Definição de violência:

() 3- O que você acha que são comportamentos agressivos/violentos entre companheiros/parceiros íntimos numa relação de casal?

() 4- Dê exemplos de comportamentos que você considera que são agressivos/violentos entre um casal.

C – Comportamentos (DO HOMEM PRA MULHER):

5-Já aconteceu algum comportamento agressivo/violento do seu companheiro atual em relação a você? E com relação a outros companheiros/namorados/algum com quem se relacionou?

Atual () Ex-companheiro ()

() 6- Vamos falar primeiro do companheiro atual. Como foi? O que ele fez?

() a) Conte/descreva uma situação típica em que isso acontecia/acontece (se a pessoa não entender “situação típica”, pedir para a pessoa dar um exemplo de como costumava acontecer).

() b) O que disparou esse comportamento? Como começou?

() c) Como é o dia seguinte?

() d) Você se lembra quando foi a última vez em que isso aconteceu? Conte.

() e) Com que frequência isso aconteceu?

() 7- Por que motivo você acha que ele agiu assim?

() 8-O que você costuma fazer nessas situações?(reage?) Explique.

() 9- Tem algo mais que a senhora pode me contar para eu compreender melhor essas situações?

() 6- Vamos falar agora do seu ex companheiro. Como foi? O que ele fez?

() a) Conte/descreva uma situação típica em que isso acontecia (se a pessoa não entender “situação típica”, pedir para a pessoa dar um exemplo de como costumava acontecer).

() b) O que disparava esse comportamento? Como começava?

() c) Como era o dia seguinte?

() d) Você se lembra quando foi a última vez em que isso aconteceu? Conte.

() e) Com que frequência isso acontecia?

() 7- Por que motivo você acha que ele agia assim?

() 8-O que você costumava fazer nessas situações? (reagia?) Explique.

() 9- Tem algo mais que a senhora pode me contar para eu compreender melhor como eram essas situações?

D- Comportamentos (DA MULHER PARA O HOMEM):

10- Já aconteceu algum comportamento agressivo de você em relação a ele (atual e/ou ex-companheiro)?

Atual () Ex-companheiro ()

() 11-Vamos falar primeiro sobre o atual companheiro. Como foi? O que você fez?

() a) Conte/descreva uma situação típica em que isso acontecia/acontece (se a pessoa não entender “situação típica”, pedir para a pessoa dar um exemplo de como costumava acontecer).

() b) O que disparou esse comportamento? Como começava?

() c) Como é o dia seguinte?

() d) Você se lembra quando foi a última vez em que isso aconteceu? Conte.

() e) Com que frequência isso aconteceu?

() 12- Por que motivo você agiu assim?

() 13- O que seu companheiro costuma fazer nessas situações? (reagiu?) Explique.

() 14- Tem algo mais que a senhora pode me contar para eu compreender melhor essas situações?

() 11- Agora em relação ao ex-companheiro. Como foi? O que você fez?

() a) Conte/descreva uma situação típica em que isso acontecia (se a pessoa não entender “situação típica”, pedir para a pessoa dar um exemplo de como costumava acontecer).

() b) O que disparava esse comportamento? Como começava?

() c) Como era o dia seguinte?

() d) Você se lembra quando foi a última vez em que isso aconteceu? Conte.

() e) Com que frequência isso acontecia?

() 12- Por que motivo você agia assim?

() 13- O que seu companheiro costumava fazer nessas situações?(reagia?) Explique:

() 14- Tem algo mais que a senhora pode me contar para eu compreender melhor como eram essas situações?

() 15 – Seus filhos já presenciaram alguns desses episódios de agressividade/violência que você contou?

() 16 – Como reagiam? O que você fazia diante disso?

() 17 - Quem tem mais poder em seu relacionamento?

() 18 - Quem é maior? Quem é mais forte? Você ou ele?

E – Controle de comportamentos

() 19 - Seu companheiro controla seu comportamento? Como?

Se a mulher não entender o que significa controle de comportamentos, dê exemplos: impede de que você veja seus amigos; restringe seu contato com a família; insiste em saber onde você está o tempo todo...

() 20 – Como você se sente em relação a isso (ao seu companheiro controlar seu comportamento)?

() 21- Você controla o comportamento dele? Como?

() 22 – Como você se sente em relação a isso (a você controlar o comportamento dele)?

() 19 -Seu ex companheiro controlava seu comportamento? Como?

() 20 – Como você se sentia em relação a isso (ao seu ex companheiro controlar seu comportamento)?

() 21- Você controlava o comportamento dele? Como?

() 22 – Como você se sentia em relação a isso (a você controlar o comportamento dele)?

F – Álcool e violência

() 23- Seu companheiro consome álcool de forma abusiva?

() Se sim, há quanto tempo?() O quê? () Quanto e quantos dias na semana?

() 24- Você consome de forma abusiva? () Há quanto tempo?

() 25- Você acredita que esse consumo interfere nesses comportamentos de violência?() Como? Explique.

() 26- Em alguns dos episódios de agressividade que você contou alguém estava alcoolizado? Quem? () Se sim, isso é frequente, às vezes ou raramente?

G - Histórico na família/ outras relações familiares

() 27- Situações de agressividade já aconteceram/acontece com mais alguém da sua família? Com quem?

() 28- Conte o que acontece/acontecia.

H – Busca por auxílio/serviços:

(Só para quem admitiu já ter sofrido algum tipo de violência)

() 29- Você já procurou algum tipo de ajuda para lidar com essas situações de violência?

		() Qual?
Se sim	() 30 - Foi um serviço? Qual?	() 31- Contou para alguém? Quem?
	() a) Quando buscou ajuda?	() a) Quando contou para alguém?
	() b) O que te motivou a buscar ajuda?	() b) O que te motivou a contar para alguém?
	() c) Como foi essa ajuda? Foi eficaz?	() c) Como foi isso? Foi eficaz?
Se não	() 32- Por que não procurou ajuda? O que lhe impediu?	

() 33 - O que você acha que pode ser feito para ajudar as pessoas que passam por situações de agressividade/violência entre companheiros íntimos numa relação de casal? E especificamente para as mulheres?

(Só para quem admitiu algum tipo de problema por causa do álcool)

() 34 - Você já procurou algum tipo de ajuda para lidar com essas situações de álcool? (Da Mulher e/ ou do companheiro)

() 35 – Qual tipo de ajuda?

() a) Quando buscou ajuda?

() b) O que te motivou a buscar ajuda?

() c) Como foi essa ajuda? Foi eficaz?

I - Parte final:

() 36- Vou deixar com você um folheto com serviços de assistência para situações de violência. Se a pessoa não souber ler, pergunte: Você quer que eu leia com você? (Entregar o folheto)

() 37 - Você gostaria de falar mais alguma coisa que considera importante sobre o que conversamos?

J-Fechamento:

Muito obrigada pela entrevista e por tudo o que me contou. Todas essas informações são sigilosas. Sua participação contribuiu muito com a pesquisa e vai ajudar na criação de estratégias para lidar com essas situações.

Término da entrevista às XXXX horas, ID XXXXX.

Notas de Campo

ID: _____

Data da entrevista: _____

Como a pesquisadora foi recebida pela mulher?

O que a mulher disse durante a aplicação dos questionários?

Quem estava por perto na hora da aplicação dos questionários?

Como estava o ambiente na hora da entrevista? Havia alguém por perto? Como a mulher reagiu às perguntas da entrevista?

O que mais for importante....

Pesquisadora: